

Programa ‘Esquenta’ como palco de cidadania¹

Laianny Martins SILVA²

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

Este estudo tem como base uma análise do programa de entretenimento ‘Esquenta’, veiculado pela Rede Globo TV aos domingos. A proposta é verificar até que ponto as discussões levantadas pelo programa promove questionamentos ligados à cidadania, a partir das dimensões descritas pelo sociólogo alemão T. H. Marshall, que faz um desdobramento da cidadania em direitos civis, políticos e sociais, mas também uma reflexão sobre os vínculos do programa com os modelo que foi trazido para televisão pelo apresentador Aberlado Barbosa, o Chacrinha.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; cidadania; programa Esquenta; Marshall.

O interesse por este estudo surgiu mediante uma inquietação, após dois meses assistindo, o programa de auditório ‘Esquenta’, apresentado por Regina Casé e veiculado pela TV Globo todos os domingos. A proposta é verificar até que ponto às discussões e aportes realizadas durante o programa de auditório, que tem como característica um forte apelo popular e eventualmente grotesco, e que, por meio da participação de atores, cantores, dançarinos e personalidades e celetoides (celebridades

1. Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 4 a 6 de junho de 2015. Orientação: Ana Carolina Rocha Pessoa Temer.

2. Mestranda no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Comunicação da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás (UFG) especialista em Assessoria de Comunicação e Marketing pela Universidade Federal de Goiás e jornalista formada pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, email: laianny84@hotmail.com

3. Orientadora do trabalho. Coordenadora e Professora do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Comunicação (UFG), Profa. Dra. Ana Carolina Rocha Pessoa Temer, email: nacarolina.temer@gmail.com

temporárias ou de vida curta, em geral construídas pelas mídias pra preencher suas necessidades igualmente temporárias), promove questionamentos relacionados à

cidadania, a partir das dimensões (civil, política e social) descritas por T. H. Marshall.

O Programa criado em 2011 está na 4ª Temporada.

Este estudo possibilita um aprofundamento na proposta de compreender se o programa ‘Esquentá’ proporciona a difusão da cidadania, contribuindo para legitimação da democracia a partir do seu discurso de valorização do popular e do próprio termo cidadania.

A amostra deste trabalho deverá contar com análises de 06 (seis) edições, na íntegra veiculados na 4ª Temporada do Programa, e que foram ao ar no ano de 2014. Ressaltando que a 1ª Temporada foi transmitida em 2011

Ao delimitar o tema, levou-se em consideração a importância da inserção da discussão sobre temas ligados a cidadania e, sobretudo, utilizando-se dos meios de comunicação de massa, que chegam a milhares de telespectadores, o que neste caso significa um horário privilegiado em termos de exposição televisiva. Traduzindo em números, segundo Temer (2014), com base em dados do IBGE, datados de 2011, “no Brasil a televisão está presente em 59,4 milhões de domicílios, ou seja, 96,9% dos lares brasileiros”.

Acredita-se que o programa ‘Esquentá’ possa ser um celeiro para o estudo no campo científico, por estas e outras razões acredita-se torna-se importante compreender melhor se conteúdo e objetivos. Entendemos, portanto, que compreender o alcance dos reflexos de temas levantados pelo programa ‘Esquentá’ acrescenta dados importantes para a sociedade, tanto nos aspectos relativos a qualidade da informação, quanto nas questões relacionadas à cidadania. Por conseguinte, pode-se entender o estudo aqui proposto como oportuno para estudar os avanços nas discussões da cidadania a partir da comunicação. Busca-se trazer contribuições teóricas para o campo da comunicação, ressaltando-as mesmo que sejam ínfimas num universo tão grande como este que abarca o processo da comunicação.

A análise será baseada em métodos específicos utilizados para este tipo de estudo, no caso uma digressão teórica sobre mídia e cidadania e uma análise de conteúdo, abordagens escolhidas para evitar o risco de dispersão e a perda do objetivo principal, mas igualmente buscando verificar até que ponto os questionamentos levantados durante o programa abordam questões ligadas à cidadania. Desta forma, a questão que move este estudo é: Até que ponto as discussões levantadas pelo programa

‘Esquenta’ promovem questionamentos ligadas à cidadania? Esta será a nossa problemática.

Como parte do aporte teórico, o trabalho também se fundamenta no pensamento de Temer quando diz que “as mídias estão presentes em todos os aspectos das nossas vidas, atuando desde a construção da identidade até a percepção e o entendimento do Estado e de conceitos elementares como cidadania” (2014, p.55).

2.1 - Cidadania e Comunicação

Ao longo da história da humanidade o conceito de cidadania não teve uma definição estanque, passando por modificações em sua definição que variam seu sentido no espaço e no tempo. Para entender um pouco mais estas questões, buscamos discutir aqui o que é cidadania, quais suas perspectivas e como tem sido sua evolução ao longo dos séculos. A longa bibliografia sobre o tema aponta que a cidadania sempre foi e continua sendo tema de interesses e estudos em diversas áreas do saber e de grandes estudiosos do tema mundo a fora.

Ao fazermos uma releitura apoiada em Kunsch (2007, p.62 - 63) fica claro que os estudos, no que tange a cidadania, “perpassam desde as suas origens, na polis grega (tradição política) e no civitas romana (tradição jurídica), até os dias de hoje”. Já de início percebe-se que não era qualquer indivíduo que tinha acesso a cidadania. A autora reforça que ser cidadão dependia tanto do espaço geográfico que o indivíduo habitava quanto do período histórico que ele vivia, ou seja, somente parte da sociedade gozava plenamente da cidadania.

As grandes civilizações nos deixaram inúmeros legados e conquistas marcadas por muitas lutas. Segundo Tuzzo (2014, p.160) “da Grécia antiga herdamos o conceito de organização social com Cidades- Estados, e os indivíduos que ali viviam estavam sob as normas políticas da polis- cidades- cidade”. Tuzzo complementa “da Roma antiga herdamos a origem da palavra cidadania [...] Desde a raiz latina, a palavra invoca o direito à liberdade”.

A cidadania tem sido estudada em diversas áreas e diferentes olhares do saber ao longo do tempo. Ao refletir sobre o tema nota-se que recorrentemente vários autores mencionam uma “divisão”, categorização, dimensões, enfim são algumas das denominações que nos remetem ao trabalho (direitos civis, políticos e sociais) descrito

pelo sociólogo alemão T. H. Marshall que descreve como partes e que estão intrinsecamente ligados.

Como ressalta Carvalho (2010) o estudo realizado por Marshall, em seu ensaio publicado em 1949, descrito por diversos autores como cronológico e lógico, se baseia num modelo de cidadania inglês, que por sua vez foi desenvolvido dentro de um contexto específico. Marshall descreve ainda a cidadania como sendo “um status concedido àqueles que são membros integrais de uma comunidade. Todos aqueles que possuem o status são iguais com respeito aos direitos e obrigações pertinentes ao status”. (MARSHALL, 1967, p.76). Várias décadas após sua publicação o material do sociólogo continua sendo referencia indispensável para reflexão, como uma proposta de reinterpretação sobre a cidadania.

Segundo Marshall este modelo se dá de baixo para cima, parte do povo a busca pela implantação dos direitos. Primeiro vieram os direitos civis, onde os ingleses buscaram primeiramente os direitos ligados a liberdade individual – expressão, imprensa, ir e vir, pensamento, fé, entre outros. Marshall (1967, p.63) cita que, “isto nos mostra que as instituições mais intimamente associadas com os direitos civis são os tribunais de justiça”.

Reportamos a Marshall, no poder político “as instituições correspondentes são o parlamento e conselhos do Governo local”. Quando o assunto trata-se dos direitos sociais, “as instituições mais intimamente ligadas com ele são o sistema educacional”. (1967, p. 63-64).

O Brasil trilhou um caminho totalmente inverso em relação ao modelo inglês descrito por Marshall. Como apresenta Carvalho (2010), primeiro vieram os direitos sociais, contextualizando numa época onde os direitos políticos não estavam “disponíveis” e os direitos civis foram reduzidos drasticamente. À época o país vivia em pleno ao governo ditatorial, como nos mostra os registros históricos. Posteriormente vieram os direitos políticos, num período em que os ditadores ditavam as regras. “No Brasil houve pelo menos duas diferenças importantes. A primeira refere-se à maior ênfase em um dos direitos, o social em relação aos outros. A segunda (...) entre nós o social precedeu os outros”.

Além disso, ora os brasileiros gozavam de alguns direitos e lhe eram suprimidos outros, sendo estes direitos variáveis em diferentes épocas.

Após a releitura do tema não nos resta dúvida da importância da cidadania para a construção e desenvolvimento de uma sociedade. Peruzzo (2007, p.52) é categórica ao afirmar que “havendo cidadania, haverá desenvolvimento social. Cidadania quer dizer participação, nos seus múltiplos sentidos e dimensões, incluindo a cidadania cultural, que garante o direito à liberdade de expressão e de acesso aos bens culturais”.

Assim como falar de cidadania, falar em comunicação é falar sobre ação e transformação: “ocorre que a comunicação não é estática, ela é vida e movimento. Desta forma cada ação de comunicação é uma ação sobre outro/outros indivíduos/s que sendo estratégia em si mesma” (TEMER, 2014, p. 51).

Thompson sintetiza, “antes do desenvolvimento das indústrias da mídia, a compreensão que muitas pessoas tinham de lugares distantes e passados era modelada basicamente pelo intercâmbio de conteúdo simbólico das interações face a face” (2009, p.38).

É necessário abrimos um parêntese para falar sobre uma nova denominação da cidadania planetária que “surge exatamente para se opor à globalização autoritária e assimetria que assola as sociedades menos favorecidas do mundo, impedindo que os países pobres e em desenvolvimento avancem economicamente” (PERRUZO, 2007, p.67).

2.2 - Breve relato sobre a história da televisão

Antes de fazermos uma viagem cronológica para entender como se deu o desenvolvimento da televisão queremos aqui registrar: “a televisão no seu sentido mais amplo envolve aspectos relativos a diferentes possibilidades de produção, distribuição e consumo de produtos sonoros – imagéticos produzidos eletronicamente” (TEMER, 2014, p. 163).

Em 1873 dá-se o início das discussões sobre o novo meio de comunicação, a televisão (o aparelho propriamente dito). Somente em 1923, na Inglaterra, John Logie Baird fez a primeira demonstração do aparelho. Esclarece Mattos (2007, p. 165), “conseguiu reproduzir imagens, apesar de precárias, numa pequena tela. Em 1928, Baird testou, também pela primeira vez, a televisão em cores, fabricada com base no sistema eletromecânico”. Ainda da década de 20, mais precisamente em 1929, Washington e Nova York apreciaram as primeiras transmissões pela televisão em cores.

E as bibliografias o que registram sobre o contexto histórico à época da criação da televisão? É Temer quem responde: “em termos mundiais, o desenvolvimento da televisão se consolida em um momento no qual a necessidade de informações novas ultrapassa os espaços locais e até mesmo as fronteiras nacionais”. Em termos de Brasil, “a chegada da televisão (não por acaso) coincide com um período de crescimento industrial, no qual o Governo faz investimentos na indústria pesa e começa a construir infraestrutura”. (TEMER, 2014, p. 14). O país vivenciava naquela época uma fase delicada no quesito a democracia que se inseria.

No Brasil a televisão foi inaugurada em 18 de setembro de 1950, há sessenta e quatro anos. A primeira emissora de televisão do país foi a TV Tupi Difusora, Canal 3, ‘Graças’ ao pioneirismo de Francisco Assis Chateaubriand Bandeira de Mello. A primeira transmissão foi ao vivo em um estúdio instalado em São Paulo, na ocasião estavam disponíveis apenas 200 televisores, que entraram no Brasil de forma ilícita, contrabandeados por Assis. “Mesmo advertido sobre a imaturidade do país para sustentar a televisão, Assis [...] apostou no novo meio entendendo [...] que este novo meio era símbolo de modernidade que finalmente alcançava o país” (TEMER, 2014, p. 230). Segundo a autora a solidificação da televisão se deu cerca de duas décadas após sua inauguração.

De acordo com Federico (1982, p. 83), “os programas estavam baseados em sequências filmadas, interpretações musicais, cenas humorísticas transpostas do rádio, e teleteatro apresentado sem ritmo [...]”. Situação que, segundo aponta o autor, continuou até o ano de 1955. Na TV Tupi o telejornalismo sempre esteve presente na grade de programação, desde o segundo dia de transmissão.

O Estado sempre foi presença marcante no tocante a televisão no Brasil. “Nas décadas de 1950 e 1960 (antes do Golpe Militar), o poder público contribuiu para o crescimento da televisão mediante empréstimos concedidos por bancos públicos”. Ainda, segundo Temer [...] “mas também em outros momentos, ao longo da história da TV no Brasil diversos governos, de diferentes maneiras, influíram na dinâmica deste veículo, concedendo e cancelando concessões de emissoras”. (TEMER, 2014, p. 239).

Ainda na década de 1960, nascia durante o regime militar, a Rede Globo de Televisão, que se tornaria a maior emissora de TV no país e uma das maiores do mundo. Lembra Penha que “vários autores descrevem a importante atuação dessa

organização, sobretudo sua participação nos governos militares, para o sucesso da construção de um modelo de identidade e cultura nacional” (2012, p. 63).

Depois de tantos improvisos, dificuldades, barreiras transpostas e deixar de ser uma extensão do rádio, seja no seu formato e conteúdo, criar uma linguagem própria, se reinventar e se adequar, a televisão, se via diante de inúmeros obstáculos, que foram sendo vencidos pouco a pouco. A cada ano, a cada década e ao transpormos o século, nota-se que a televisão ganhada cada vez mais espaços nos lares e na vida do cidadão. Complementa Penha afirmando que “difundida e com a velocidade dos avanços das tecnologias, que permitiram a transmissão de acontecimentos mundiais, a televisão torna-se a principal janela por meio da qual as pessoas observam o mundo” (2012, p. 65).

O século XXI chega trazendo uma nova tecnologia de transmissão do sinal de televisão: “o sinal digital”. Presenciamos o movimento de convergência digital, tornado a TV digital uma realidade nos lares brasileiros.

Ainda de acordo com Peruzzo (2007, p.51) “na sociedade contemporânea, a evolução das tecnologias de informações e comunicação vem contribuindo para mudar os modos de vida, as culturas e as formas de intervenção social”.

Sobretudo, ao situarmos no contexto em que se deu o surgimento da televisão, fica claro é que novas as mudanças seguem afetando este veículo, como é o caso da TV Digital tem viabilizado a diversificação da forma de se produzir a televisão.

2.2.1 Programa de Auditório

O programa de auditório teve sua origem no rádio, mas migrou para a televisão, logo que surgiu o novo meio de comunicação e hoje, mais de cinco décadas depois da implantação da TV, continua presente na grade das maiores emissoras do país.

Segundo Temer e Tondato (2009) o pioneiro no programa de auditório foi Homero Silva, com o programa *TV na Taba*, mas outros exemplos apontam que Nos primeiros meses após a inauguração da TV Tupi, o que se via era a continuação do rádio nas telas.

Lembra ARONCHI (2006, p.18) “no início, os programas de auditório estavam sempre ligados a um nome, o do apresentador ou apresentadora, que fazem o sucesso do gênero. Chacrinha, J. Silvestre, Flávio Cavalcanti, Silvio Santos, Hebe Camargo”. O autor lembra ainda que “a produção deste gênero que se notabilizou pela apropriação total da linguagem televisiva foi o *Programa do Chacrinha*”.

A Elizabeth Duarte (2014) ressalta que no Programa de Auditório o apresentador (a) visto como a figura central: “ele é o mediador, o animador, o anfitrião” Duarte complementa “... quem articula o programa tanto pelo discurso que constrói frente às câmeras, como pela sua personalidade e carisma, convocando os participantes; interpelando-os pelo nome; reforçando pela repetição o efeito de diálogo” (2010, p.10).

Sodré analisa os programas de auditório a partir da percepção do Grotesco: “O grotesco é um olhar acusador que penetra as estruturas até um ponto em que descobre a sua fealdade, a sua aspereza”. (SODRÉ, 1972, p. 72).

O grotesco parece ser, até o momento, a categoria estética mais apropriada para apreensão do ethos escatológico da cultura de massa nacional. Realmente, o fabuloso, o aberrante, o macabro, o demente-enfim tudo que à primeira vista se localiza numa ordem inacessível à normalidade humana-encaixam-se na estrutura do grotesco. [...] Em outros termos, o grotesco é uma aberração de estrutura ou e contexto. (SODRÉ, 1972, p. 38- 39)

Dênis Moraes, ao se propor a fazer uma releitura sobre a obra ‘O Império do Grotesco’, de Sodré e Paiva, corrobora com a percepção de que “o grotesco, enquanto manifestação de formas aberrantes e escatológicas, é um fenômeno que se alastra pela vida contemporânea, com reverberações fortes na mídia e nas artes em geral”. Dênis é categórico ao afirmar que “o grotesco se infiltrou nos diversos gêneros televisivos — dos programas de auditório ao telejornalismo espetacularizado. Na busca obsessiva pela audiência e, por extensão, pelas verbas publicitárias, as programações afastam-se de perspectivas críticas”

Segundo Dênis (s.d, p. 3): “na mão oposta, a hegemonia da aberração favorece um contínuo distanciamento da consciência crítica e dos compromissos éticos que deveriam nortear a difusão de conteúdos de massa”.

Segundo Temer e Tondato no que diz respeito às mudanças sentidas nos programas de auditório, “a mudança mais significa, no entanto, está no próprio auditório. Desde os seus anos iniciais, o sucesso destes programas está diretamente relegionada à participação da plateia” (2009, p. 77):

É surpreendentemente, no entanto, que após tantos anos e tantas mudanças, tantos recursos técnicos e possibilidades digitais, os programas de auditório continuam conquistando o público e, mais do que isso, continuam sendo uma referência do que é “fazer televisão”, uma condição essencial para se entender a personalidade do meio qual, com nos diz o Faustão, quem sabe (fazer TV) faz ao vivo. (Temer e Tondato, 2009, p.79)

Muniz faz uma reflexão bem ampla sobre os programas de TVs no Brasil, e destaca que “o grotesco dos programas de tevê brasileiros se configura como uma disfunção social, artista, de tipo especialíssimo, que poderíamos chamar de grotesco escatológico”. (SODRÉ, 1972, p. 73).

2.2.2 Programa Esquentando como desdobramento do Programa do Chacrinha

De acordo com levantamento feito por Elizabeth Duarte (2014), foi identificado na grade de programação da TV Globo dez programas de auditório, que vão ao ar em dias e horários diversos. Na visão da autora, este tipo de programação tem em comum os ares populares e apelativos.

Inserido neste modelo, está o programa Esquentando. Segundo informações divulgadas pelo site da TV Globo, o Programa foi ao ar pela primeira vez março de 2011, veiculado aos domingos, com duração média de uma hora e meia. Comandado pela apresentadora e humorista Regina Casé, descrita pela emissora como sendo “a comunicadora transita com maestria pelos mais diferentes meios, do popular ao intelectual. A identificação com a periferia é sua marca registrada”.

O site e- Biografia registra que apresentadora, atriz, humorista Regina Casé, é carioca, nascida em 25 de fevereiro de 1954, e vem de uma família que tem sua origem nos meios de comunicação. O pai de Regina Casé, Geraldo César, trabalhou na TV Tupi e Rede Globo, além de emissoras de rádio. O avô da apresentadora, segundo o mesmo site, é considerado um dos pioneiros do rádio brasileiro. Regina Casé entra para o teatro ainda na década de 70, mas precisamente em 1974, quatro anos depois começou atuar em filmes. Na televisão estreou em 1983, na TV Globo. Ao longo de sua carreira na televisão brasileira, Regina Casé apresentou vários programas, entre eles: Brasil Legal, Muvuca, Um pé de que? sendo este, em canal fechado, canal Futura, Central da Periferia. Em 1994, no Fantástico apresentou o quadro Na Geral, que foi exibido ao longo deste ano. Três anos depois, 1997, fez uma participação, em outro quadro Vida ao Vivo Show. Além de atuar em várias telenovelas, apresentação de programas e participação em programas especiais, em 2002, Regina inicia como autora e diretora de televisão, no episódio Uólace e João Victor.

Essa trajetória continua no programa Esquentando no qual, em um cenário colorido, e com roupas sempre chamativas e muitos brilhos, Regina Casé comanda, ao embalo de

músicas, com grupos de sambas e outros gêneros (embora aparentemente o Programa tenha uma ligação fortíssima com o samba), manifestações do público e apresentações diversas, em geral pontuadas e comentadas com a opinião dos convidados, entre os quais esta a presença constante de atores globais e outras celebridades (celetoides) de ocasião, em geral precedentes do Rio e de São Paulo.

Para Rabello e Musse (2013, p. 50): “o programa seria uma espécie de praça pública, aberto à cotidianidade, com múltiplas identidades representadas como dissimulação da inversão de hierarquias – o popular é que constitui o Esquenta”.

É característica dos programas de auditórios o uso de um ou mais bordões, no caso do Esquenta, ouvimos sempre a apresentadora dizer: “Tudo junto e misturado”. Segundo Silva e Torres “o programa se anuncia como um espaço destinado ao desfile da diversidade, com foco central nas periferias. Participantes de diferentes classes sociais, religiões e culturas interagem no palco da atração” (2013, p. 2).

Ao fazermos uma releitura de Muniz Sodré (1972) nota-se que o Programa Esquenta é uma reapropriação do Programa do Chacrinha, uma vez que conserva traços marcantes de um dos maiores programas de auditório visto na TV brasileira, desde os trajés espalhafatosos até bordões notáveis.

Na visão de Sodré (1972), José Abelardo Barbosa de Medeiros, conhecido popularmente como Chacrinha, enquanto comunicador não era um comunicador ingênuo. O apresentador estava presente muito além do palco, uma vez que, segundo Sodré (1972), se encarregava de fazer a seleção dos participantes, a partir de critérios criados e estabelecidos pelo ele próprio, em função de um "saber" acumulado ao longo de sua vida no rádio, onde o comunicador começou, e posteriormente na televisão.

Dênis Moraes (s.d, p. 2) apud Sodré e Paiva, entende que “...nem o célebre “*padrão Globo de qualidade*” (grifo do autor), com suas imagens assépticas, resistiu à ofensiva dos produtos apelativos e de baixo nível artístico. O que não deixa de ser uma desconcertante contradição com a evolução tecnológica da própria TV”.

Segundo Temer e Tondato (2009), Chacrinha inicia sua vida nos meios de comunicação na Rádio Clube de Niterói e dois anos após a inauguração da TV Tupi, 1957, o apresentador estreava na televisão brasileira. Chacrinha trabalharia ainda em programas de auditórios na Rede Globo. O comunicador desenvolve um estilo particular, sendo, segundo Sodré (1972, p. 78) “apontado por si mesmo e pelos jornais

como “fenômeno de comunicação de massa”, não foge à regra geral de manipulação do grotesco”.

Chacrinha era uma figura popularmente conhecida pelos seus trajes, com sua inseparável a buzina e o troféu abacaxi, elementos que se tornaram marca do comunicador, juntamente com os bordões lembrados até hoje, entre eles: “Quem não se comunica, se trumbica”, “Teresinha. Uh, uh! "Eu vim para confundir não para explicar”, “Dona Maria seu dinheiro vai dar cria”.

Partindo do próprio pressuposto do apresentador, de que na televisão "nada se cria, tudo se copia" o Esquenta nos remete a numa recriação dos programas de auditórios de Chacrinha, quase como se a figura do apresentador, de certa forma, continuasse viva.

Yura descreve sobre quem foi Chacrinha “foi um vanguardista, “marchava” a frente da sua época. Introduziu uma nova concepção de programas de auditório na TV. Inaugurou estilo, linguagem, movimentos de câmeras, vestimentas, o Tropicalismo. Comandou uma multidão”. A autora complementa “dentro do conceito de Indústria Cultural, Chacrinha enquadra-se na arte do grotesco, definida por Muniz Sodré. Ele é o “palhaço do povo” – denominação do próprio apresentador”. (YURA, 2012, p.11).

Chacrinha “representou uma enorme contribuição para a televisão brasileira. Em termos de cenário e representatividade linguística (linguagem verbal/visual), o apresentador se utilizou de uma postura escrachada e auto-referencial”. Temer e Tondato (apud Souza) afirmam que ele “desenvolveu ou se apropriou de uma linguagem televisiva mais ágil” e mais preocupada com o imaginário popular. Esse modelo ganha novas interpretações na programação atual. De acordo com TEMER e TONDATO:

“A televisão de sinal aberto, de uma forma geral, e a Rede Globo, em particular inicia os século XXI investindo em uma programação com apelos populares, em um retorno a um modelo que já fizera sucesso nos anos iniciais, mas que agora se apresenta mais rebuscado pela riqueza dos recursos técnicos e por uma interativa discutível. Nesse modelo, os programas de auditório voltam a ganhar destaque”. (2009, p. 72).

Nesta nova formatação, o auditório é também fundamental, pois, nas palavras “se alguém fizer programa de auditório só para quem está no auditório, em pouco tempo está morto”. (Gleiser apud TEMER, TONDATO, 2009, p. 73).

3 - Metodologia

Para a realização do presente trabalho optou-se pela análise de conteúdo, como base para uma leitura crítica da mídia. A escolha da metodologia busca possibilitar uma percepção e compreensão mais aprofundada do objeto de pesquisa, uma vez que “análise de conteúdo, instrumento de análise interpretativa, é uma das técnicas de pesquisa mais antigas - os primórdios de sua utilização remontam a 1787 nos Estados Unidos”. (ANDRADE, ENS, MUSSIS, OLIVEIRA, 2003, p. 1). Segundo reportam os autores já mencionados acima, o cientista político Lasswell, um dos grandes teóricos da comunicação, teria utilizado como método de pesquisa a análise de conteúdo para realizar seu trabalho.

Apesar da análise de conteúdo ser o método que fundamenta o trabalho, em uma primeira etapa será realizada também uma pesquisa bibliográfica, onde buscar-se compreender o conceito de cidadania e sua relação histórico-social que norteará os dados da pesquisa pretendida. A revisão bibliográfica contou ainda com uma pesquisa sobre a relação da comunicação com a cidadania e a tentativa de compreender a importância da mídia na sociedade moderna. O objetivo foi compreender o papel da mídia televisiva no país e sua interferência e sua interferência na percepção da cidadania.

Retomando a metodologia, a amostragem estudada foi composta por amostra de 06 (seis) programas que foram ao ar no “Esquenta” no último semestre 2014. A escolha pelos programas veiculados em 2014—se deve a proximidade temporal da veiculação dos programas com a realização do trabalho. O recorte em apenas (06) seis programas tem como objetivo garantir um maior aprofundamento da análise.

Depois destas etapas fez-se a categorização do material a partir da visão de T. H. Marshall, e da percepção de como as representações do grotesco afetam a percepção da cidadania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma vez que este projeto ainda se encontra na fase inicial, buscou-se, verificar se as discussões levantadas durante o programa ‘Esquenta’ promovem questionamentos ligados à cidadania a partir das dimensões da cidadania (direitos civis, direitos políticos e direitos sociais) formuladas pelo sociólogo inglês Marshall.

Consideramos a importância da realização de estudos no campo da comunicação que tenham como uma de suas vertentes a cidadania, fator preponderante na definição deste binômio mídia e cidadania (televisão-cidadania). A escolha do programa ‘Esquenta’ como objeto de estudo surge a partir de uma inquietação e se firmou por acreditar-se em seu potencial para fornecer material e conteúdo para desenvolver e ramificar esta e outras pesquisas

Por fim, espera-se, em termos gerais, com o Projeto pretendido, contribuir de alguma forma para o campo da comunicação e da cidadania, acreditando que este projeto possa gerar discussões, debates e futuramente novas pesquisas a serem exploradas a partir do nosso objeto de pesquisa.

REFERÊNCIAS

ARONCHI, José Carlos. **TV como Entretenimento**. Disponível em: <http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/161649Televisao.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2015.

ANDRADE, Daniela B. S. Freire; ENS, ROMILDA TEODORA; MUSSIS, Carlo Ralph; OLIVEIRA, Eliana de. **Análise de Conteúdo e Pesquisa na área da Educação**. Disponível em <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=637&dd99=view&dd98=pb>. Acesso em 13 mar. 2015.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

DUARTE, Elizabeth Bastos. **Reflexões: os sentidos sociais da programação**. Disponível em: http://compos.org.br/encontro2014/anais/Docs/GT12_ESTUDOS_DE_TELEVISAO/compos_2014_reflexoes_2240.pdf. Acesso em 22 mar. 2015.

DUARTE, Maria Yukiko Matsuuchi. **Comunicação e Cidadania**. In: DUARTE, Jorge (Org.). **Comunicação Pública: estado, mercado, sociedade e interesse público**. São Paulo: Editora Atlas, 2007. p. 95-115.

FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. **História da Comunicação: Rádio e TV no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1982.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. Sociedade civil, multicitadania e comunicação social. In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling; KUNSCH Waldemar Luiz (Orgs). **Relações Públicas Comunitárias: A comunicação em uma perspectiva dialógica e transformadora.** São Paulo: Summus, 2007.

MARSHALL, T. H. **Cidadania, Classe Social e Status.** Trad. Meton Porto Gadelha. Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1967.

MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MORAES, Dênis. **A hegemonia do grotesco no imaginário da mídia.** Disponível em: <http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/306> . Acesso em: 26 mar. 2015.

PENHA, Francislanda Rodrigues. **Representação midiática da pobreza: O programa Esquenta! E o reposicionamento do discurso sobre os pobres na TV Brasileira.** Disponível em: https://mestrado.fic.ufg.br/up/76/o/DISSERTA%C3%87%C3%83O_FRANCISLANDA.pdf . Acesso 28 mar. 2015.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Cidadania, comunicação e desenvolvimento social.** In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling; KUNSCH Waldemar Luiz (Orgs). **Relações Públicas Comunitárias: A comunicação em uma perspectiva dialógica e transformadora.** São Paulo: Summus, 2007.

RABELLO, Rafaela; MUSSE, Christina. **Cultura da Mídia: os espectadores e internautas do programa 'Esquenta'.** Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-0607-1.pdf> . Acesso 28 mar. 2015.

SODRÉ, Muniz. **A Comunicação do Grotesco: introdução à cultura de massa brasileira.** 10 ed. Petrópolis, 1985.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa; NERY, Vanda Cunha Albieri. **Para Entender as Teorias da Comunicação.** 2.ed, Uberlândia: Edufu, 2009,

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. **Flertando com o caos: Comunicação, Jornalismo e Televisão.** Goiânia: FIC/UFMG, 2014.

TEMER, Ana Carolina; TONDATO, Márcia Percin. **A televisão em busca da interatividade**: uma análise dos gêneros não ficcionais. Brasília: Casa das Musas, 2009.

THOMPSON, Jonh B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Tradução: Wagner de Oliveira Brandão, Revisão da tradução: Leonardo Avritzer. Petrópolis: Vozes, 2009.

TUZZO, Simone Antoniaci. O Lado Sub da Cidadania a partir de uma leitura crítica da mídia. In: PAIVA, Raquel; TUZZO, Simone Antoniaci. **Comunidade, mídia e cidade: possibilidades comunitárias na cidade hoje**, Goiânia: FIC/UFG, 2014.

YURA, Danielle. Chacrinha: inovação ou produto da Indústria Cultural? Disponível em: <http://www.coneco.uff.br/ocs/index.php/1/conecorio/paper/viewFile/292/155>. Acesso 24 mar. 2015.

Siga Regina Casé. Disponível em: <http://gshow.globo.com/programas/esquenta/regina-case/index.html>. Acesso em: 22 mar. 2015.

Regina Casé, atriz brasileira. Disponível em: http://www.e-biografias.net/regina_case/. Acesso em 28 mar. 2015.

Memória Globo, Disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/regina-case/trajetoria.htm>. Acesso 03 abr. 2015.